



Gentes mediterrânicas: encontros étnicos entre lombardos, francos, bizantinos e muçulmanos a partir da *Ystoiola* de Erchemperto de Montecassino (c. 887)

Pobles mediterranis: trobades ètniques entre llombards, francs, bizantins i musulmans de la *Ystoiola* d'Erchemperto de Montecassino (c. 887)

Pueblos mediterráneos: encuentros étnicos entre lombardos, francos, bizantinos y musulmanes a partir de la *Ystoiola* de Erchemperto de Montecassino (c. 887)

Mediterranean people: ethnic encounters between Lombards, Franks, Byzantines and Muslims based on the Erchempert of the Montecassino's *Ystoiola* (c. 887)

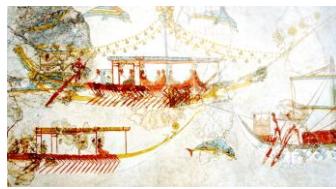
Felipe Augusto RIBEIRO¹

Resumen: Esta obra trata de los encuentros interétnicos en el sur de la península italiana en el siglo IX, a partir de la crónica titulada *Ystoiola* (o *Historia Langobardorum Benerentanorum*), escrita hacia el año 887 por el monje Erchemperto de Montecassino. La investigación está impulsada por una problematización de este texto: ¿cómo retrató el cronista a los pueblos – lombardos, francos, bizantinos y musulmanes – que viajaron por la región? A la luz de esta pregunta, el objetivo es resaltar un ejemplo de la etnografía practicada por los monjes casineses, es decir, la forma en que dichos grupos étnicos fueron retratados por ellos. Para ello, el artículo utiliza una metodología analítico-descriptiva y comparativa y, desde un punto de vista teórico, emplea las categorías de alteridad y etnicidad. El resultado del análisis es la propuesta de Montecassino como un monasterio “panmediterráneo”, eje importante – y, por tanto, lugar privilegiado de observación histórica – del circuito policéntrico que atravesaba el Mediterráneo y permitía el tránsito de todos los pueblos que habitaron sus orillas.

Palabras-clave: Crónica – Etnografía – Mediterráneo – Montecassino.

Abstract: This work deals with interethnic encounters in the south of the Italian Peninsula in the 9th century, based on the chronicle entitled *Ystoiola* (or *Historia Langobardorum Benerentanorum*), written around 887 by the monk Erchemperto of Montecassino. The investigation is driven by a problematization of this text: how did the chronicler portray the people – Lombards, Franks, Byzantines and Muslims – who travelled through the

¹ Professor Adjunto do [Departamento de História](#) e do [Programa de Pós-Graduação em História \(PPGH\)](#) da [Universidade Federal de Pernambuco \(UFPE\)](#). Coordenador do núcleo UFPE do [Laboratório de Estudos Medievais \(LEME\)](#). E-mail: felipe.far@ufpe.br.



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

region? The objective is to highlight an example of the ethnography practiced by these monks, that is, the way in which such ethnic groups were portrayed. The article uses an analytical-descriptive and comparative methodology and, from a theoretical point of view, employs the categories of alterity/otherness and ethnicity. The result of the analysis is the proposition of Montecassino as a “pan-Mediterranean” monastery, an important axis – and, therefore, a privileged place for historical observation – of the polycentric circuit that crossed the Mediterranean and allowed the transit of all the people who inhabited its shores.

Keywords: Chronicle – Ethnography – Mediterranean – Montecassino.

ENVIADO: 04.03.2025

ACEPTADO: 05.05.2025

Introdução

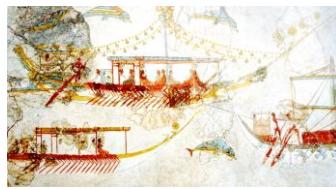
Por muito tempo os historiadores negligenciaram o sul da Itália no período lombardo.² Porém, estamos falando de uma temporalidade marcada por um fenômeno especial, de particular importância: os encontros étnicos constantes – ora pacíficos, mais frequentemente violentos – entre lombardos, francos, bizantinos e muçulmanos. Tais encontros configuraram o “Mezzogiorno” como um “laboratório gigante”³ onde foram experimentadas, pela primeira vez, novas práticas políticas, sociais, econômicas e culturais.

Talvez a negligência dos historiadores derive da aceitação acrítica dos discursos de autoridades daquele próprio período, como o papa Gregório Magno (p. 590-604), para quem os lombardos teriam chegado à península destruindo toda a sua paisagem, inclusive a sua história.⁴ Mas também pode ser que essa ignorância seja consequência

² Mais precisamente, os historiadores negligenciaram todo o período de dominação lombarda na Itália, por considerá-la excessivamente destrutiva e violenta. Cf. GASPARRI, Stefano. “[La storiografia italiana e i secoli bui: l'esempio dei Longobardi](#)”. In: *Dimensões*, v. 32, 2014, pp. 182-205.

³ KREUTZ, Barbara M. *Before the Normans: southern Italy in the ninth and tenth centuries*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1996, p. xxiii.

⁴ GASPARRI, Stefano. “[Culture barbariche, modelli ecclesiastici, tradizione romana nell'Italia longobarda e franca](#)”. In: *Reti Medievali*, VI, 2005/2 (luglio-dicembre), pp. 1-56.



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

das próprias movimentações daquela época, pois, estranhamente, o sul da Itália recebeu, ao longo de sua história medieval, poucos visitantes europeus, mesmo a partir de 774, quando foi integrada ao Reino dos Francos por Carlos Magno (r. 774-814).⁵ Todavia, a ausência de interesse europeu pela Lombardia Menor (*Longobardia Minor*, outro nome histórico para a região) não deve nos enganar: estamos falando de uma sociedade Mediterrânea riquíssima e dinâmica, que existiu “na confluência de quatro civilizações: a Românica, a Lombarda, a Bizantina e a Islâmica”.⁶ A fusão desses elementos resultou em uma “cultura inusual e uma economia estimulada por contatos pan-Mediterrânicos”.⁷

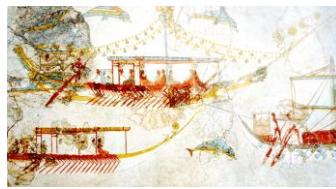
Por essas razões, ainda hoje a historiografia específica sobre a região, para o período entre a Queda de Roma e a conquista normanda, é relativamente escassa. Diante desse quadro, este trabalho almeja oferecer uma contribuição para o preenchimento dessa lacuna historiográfica, deslindando as dinâmicas interétnicas que podem ser ali verificadas, a partir de um texto particular: a crônica intitulada *Ystoriola* (ou *Historia Langobardorum Beneventanorum*⁸), escrita por volta de 887 pelo monge Erchemperto, que

⁵ Os europeus que transitavam pela região eram majoritariamente peregrinos em visita ao mosteiro de Montecassino ou rumo a Jerusalém, passando pelos portos meridionais. Ainda assim, é curioso notar que viajantes como o santo saxão Willibald, que passou por ali no século IX - e até morou uns anos em Montecassino, quando retornou da Terra Santa – observaram que a região parecia uma terra estrangeira, dada, sobretudo, a presença massiva de guerreiros árabes, que haviam se engajado nas recentes conquistas de Bari e Taranto (*ibidem*, p. xxiv).

⁶ *Ibidem*, p. xxvi.

⁷ *Ibidem*. Para um estudo de caso das relações comerciais na Lombardia Menor, ver CICCO, Giuseppe Gianluca. “[La Longobardia meridionale e le relazioni commerciali nell'area mediterranea: il caso di Salerno](#)”. In: *Reti Medievali*, 10(1), 2009, pp. 59-87. Para uma apreciação do papel do comércio na economia do mundo lombardo, cf. GASPARRI, Stefano. “[Le basi economiche del potere pubblico in età longobarda](#)”. In: DÍAZ, Pablo C. & VISO, Iñaki Martín (eds.). *Taxation and Rent: Fiscal problems from Late Antiquity to Early Middle Ages*. Bari: Edipuglia, 2011, pp. 71-85.

⁸ A obra não recebeu, originalmente, um título, mas os editores do texto costumam utilizar o termo *ystoriola* para rotulá-la porque este é o termo que o próprio autor utilizou para definir seu trabalho (ver citação abaixo), embora vários comentadores prefiram vertê-lo para *historia* e acrescentar o especificador *langobardorum beneventanorum*, pois a obra é, de fato, afinal, uma “pequena história dos lombardos de Benevento”.



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

foi bibliotecário e arquivista do mosteiro de Montecassino⁹ (ou simplesmente “Cassino”, como chama o autor).¹⁰ Para estudá-lo, escolhemos o método da análise descritiva, que consiste, neste caso, em primeiro identificar, depois separar (analisar) e, por fim, interpretar as descrições feitas pelo cronista.¹¹ Adicionalmente, também utilizamos, nas considerações finais, o método comparativo, para destacar as semelhanças e as diferenças entre cada um dos relatos escolhidos.¹²

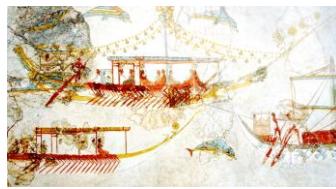
Tanto a análise quanto a interpretação e a comparação dos trechos selecionados foram feitas segundo uma abordagem lexical, vocabular – ou seja, semântica – tendo como parâmetros substantivos, verbos e os adjetivos utilizados por Erchemperto para

⁹ Para uma biografia do autor, cf. BERTO, Luigi Andrea. ““Copiare” e ‘ricomporre’: alcune ipotesi su come si scriveva nell’Italia meridionale alto-medievale e sulla biblioteca di Montecassino nel IX secolo. Il caso della cronaca di Erchemperto”. In: *Mediaeval Sophia*, 17 (gennaio-dicembre 2015), pp. 83-111; OLDONI, Massimo. “Erchemperto”. In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 43 (1993).

¹⁰ O texto foi consultado em sua edição crítica mais recente e segura, bilíngue, latim-italiano: ERCHEMPERTO. *Piccola storia dei Longobardi di Benevento* (a cura di Luigi Andrea Berto). Napoli: Liguori, 2013. A edição foi feita a partir da versão tipografada do texto, publicada em *SCRIPTORES Rerum Langobardicarum et Italicarum Saec. VI-IX. Monumenta Germaniae Historica*. Hannoverae: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1878. O responsável por ela também consultou diretamente os poucos manuscritos existentes da obra. Todas as traduções para o português são de nossa autoria, a partir do texto latino, com o auxílio da versão italiana do editor supracitado. Nas citações recuadas, optei por manter o texto original latino no corpo do texto e deixar as minhas traduções nas notas de rodapé.

¹¹ Para organizar uma análise descritiva e definir seus parâmetros norteadores, recorremos às orientações metodológicas de: MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. “Métodos científicos”. In: *Fundamentos de metodología científica*. São Paulo: Atlas, 2017, pp. 39-86; ARÓSTEGUI, Julio. “Método y técnicas en la investigación histórica”. In: *La investigación histórica: teoría y método*. Barcelona: Crítica, 2001, pp. 388-434; CARDOSO, Ciro Flammarion. “O método científico em história”. In: *Uma introdução à história*. São Paulo: Brasiliense, 1992, pp. 50-80. Evidentemente, trataremos, neste artigo, somente de alguns trechos que nos pareceram mais relevantes para a problematização feita, sem nenhuma pretensão de esgotar tudo o que a fonte tem a dizer a esse respeito.

¹² Quanto à instrução do procedimento comparativo, guiamos-nos pelas lições de ESPAGNE, Michel. “A noção de transferência cultural”. In: *Jangada*, n. 9, jan/jun, 2017, pp. 136-147; KOCKA, Jürgen. “Para além da comparação”. In: *Esboços*, v. 21, n. 31, 2014, pp. 279-286; DETIENNE, Marcel. “Construir comparáveis”. In: *Comparar o incomparável*. São Paulo: Ideias & Letras, 2004, pp. 45-68.



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

caracterizar os agentes históricos (individuais e coletivos) e descrever suas ações.¹³ Com tais procedimentos pretendemos evidenciar a etnografia praticada por ele, isto é, a maneira como retratou os grupos supracitados; para tanto, do ponto de vista teórico, empregamos as categorias de alteridade/outridade e etnicidade¹⁴, lentes heurísticas que nos permitem fazer a hermenêutica dos processos históricos, retóricos e simbólicos de construção do outro.¹⁵

I. Os lombardos: entre o heroísmo virtuoso e a beligerância incessante

Narrando, como ele mesmo diz, o ocaso dos lombardos¹⁶ – e sendo, ele próprio, um membro dessa *gens*¹⁷ – Erchemperto tem muito a dizer sobre eles. Entretanto, o texto

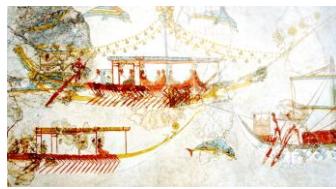
¹³ Neste procedimento, reportamo-nos, claro, à abordagem proposta por KOSELLECK, Reinhart. “[Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos](#)”. In: *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992, pp. 134-146.

¹⁴ Para a definição de alteridade e outridade, utilizamos NECKEL, Kauê Junior. “[Situações de Outridade](#)”. In: *Situações de Outridade: a participação do Outro na formação dos povos Ingleses (731-899)*. Dissertação de Mestrado em História apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2021, pp. 37-89. Para o conceito de etnicidade, referimos GEARY, Patrick. “Barbarians and ethnicity”. In: BOWERSOCK, G. W.; BROWN, Peter & GRABAR, Oleg (orgs.). *Interpreting Late Antiquity: Essays on the Postclassical World*. Cambridge, Massachusetts; Londres: The Belknap; Harvard University Press, 2001, pp. 107-129; POHL, Walter. “Introduction: Strategies of Identification: a Methodological Profile”. In: _____; HEYDEMANN, Gerda (eds.). *Strategies of Identification: Ethnicity and Religion in Early Medieval Europe*. Turnhout (Belgium): Brepols, 2013, pp. 1-64; POHL, Walter. “Telling the difference: signs of ethnic identity”. In: NOBLE, Thomas F. X. (org.). *From roman provinces to medieval kingdoms*. Londres; Nova Iorque: Routledge, 2006, pp. 99-138.

¹⁵ Excluímos da análise os romanos porque Erchemperto não fala deles em sentido étnico, usando o termo “romano” tão-somente como adjetivo pátrio relativo aos habitantes e às terras da cidade de Roma, cuja maior liderança é o papa.

¹⁶ “Ultimo autem compulsus a compluribus ego Erchempert quasi ab ortu praecipueque ab Adelgiso, insigni sagacique virum, ystoriolam condere Langobardorum Beneventum degentium, de quibus quia his diebus nil dignum ac laudabile repperitur quod veraci valeat stilo exarari, idcirco non regimen eorum set excidium, non felicitatem set miseriam, non triumphum set perniciem, non quemamodum profecerint set qualiter defecerint, non quomodo alios superaverint set quomodo superati ab aliis ac devicti fuerint [...]” (ERCHEMPERTO, op. cit., cap. 1, p. 82).

¹⁷ O autor não hesita em empregar a primeira pessoa, seja do singular ou do plural, em seu discurso, inclusive quando fala dos lombardos (ver citações abaixo). Deste modo, Erchemperto não só se coloca como partícipe da história lombarda, como se posiciona como testemunha privilegiada da consciência



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

traz, no total, somente dez ocorrências do substantivo *langobardus* (com todas as suas flexões), o que é relativamente pouco, face às ocorrências relativas às demais gentes que protagonizam a crônica, como se verá abaixo. É que o campo semântico ligado ao termo deve levar em conta não só as menções diretas aos lombardos enquanto grupo, mas também as citações de suas lideranças individuais, uma vez que o viés historiográfico de Erchemperto é personalista, pois ele entende que são as boas ou más ações dos líderes que constituem o fio condutor da história¹⁸, que são os *virilis* que conduzem um povo¹⁹ à fortuna ou à desgraça.

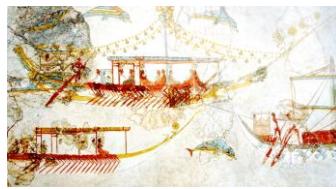
Soma-se a isso o fato de que Erchemperto vê subdivisões dentro da *gens* lombarda: fala em beneventanos, capuanos, salernitanos e outros subgrupos que habitavam a região, portanto as menções a esses termos também devem ser incorporadas à análise, como se verá nos excertos abaixo.

O primeiro personagem lombardo que chama a atenção do autor é Arechi II (c. 734-787), que era o duque de Benevento – e genro do último rei lombardo, Desiderio (756-774) – quando Carlos Magno (r. 774-814) conquistou o Reino da Itália e desceu, pela

de seu povo e de sua própria identidade ética: cf. ANDENNA, Giancarlo. Il concetto di Longobardo e di Lombardo in Italia meridionale tra IX e XII secolo: la complessità di una situazione territoriale. In: HENTSCHEL, Frank; WINKELMÜLLER, Marie (eds.). *“Nationes”, “Gentes” und die Musik im Mittelalter*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2014, pp. 187-202.

¹⁸ Em seu prólogo, além de anunciar o escopo de sua obra (citação acima), o autor também explicita o seu estilo de composição literária, a sua visão epistêmica da história e até a sua escolha metodológica, dizendo que procurou imitar os evangelhos de Marcos e de Lucas, seus modelos de historiografia: “[...] ex intimo corde ducens alta suspiria, ad posteritatis exemplum succincto licet et inertii prosequar calamo. Hac quoque flagitatione devictus, non tantum ea quae oculis, set magis quae auribus ausi narrare me fateor, imitans ex parte dumtaxat Marci Lucaeque evangelistarum praeconiis, qui auditus potius quam visus evangelia descripserunt” (ibidem).

¹⁹ Neste trabalho utilizei “gente” e “povo” como sinônimos porque *gens* e *populus* aparecem no texto de Erchemperto como termos indistinguíveis e intercambiáveis. Temos consciência de que, originalmente, na linguagem latina, *gens* e *populus* tinham enquadramentos jurídicos diferentes, mas o uso que Erchemperto faz desse par leva em consideração, sobretudo, a liderança que conduz cada grupo, a sua mobilização militar e a sua proveniência, três dos vários aspectos que podiam configurar a etnicidade antiga e medieval (GEARY, op. cit.; POHL, 2006; 2013).



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

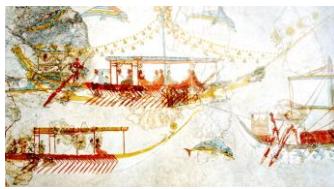
primeira vez, ao sul da península.²⁰ Para Erchemperto, Arechi era um “homem cristianíssimo, muito ilustre e diligentíssimo nas coisas da guerra”.²¹ O duque é, pois, o primeiro herói de sua história, tendo sido responsável por organizar a resistência à invasão dos francos na Lombardia Menor e, depois, fracassado enfrentamento, negociar os termos da submissão dos beneventanos.²²

O segundo herói do povo lombardo, para Erchemperto, é Grimoaldo III (p. 787-806), filho e herdeiro de Arechi, responsável por aproveitar a morte de Carlos Magno para proclamar a revolta que libertou Benevento da influência franca. Embora tivesse sido criado por Carlos em Aachen, como filho adotivo, e recebido do patrono a missão de governar Benevento em seu nome – depois de Arechi ter rendido a cidade aos francos

²⁰ BISANTI, Armando. “Potere, consenso e dissenso nell’Ystoriola Langobardorum Beneventum degentium di Erchemperto”. In: ALBERZONI, Maria Pia; SARDINA, Patrizia (eds.). *Potere, governo, opposizione politica e rivendicazioni socio-economiche nel Mediterraneo medievale*. Palermo: Officina di Studi Medievali (OSM), 2021. Para uma crítica de como a historiografia lombarda retratou esse processo de conquista, ver FABBRO, Eduardo. [“Charlemagne and the Lombard Kingdom That Was: the Lombard Past in Post-Conquest Italian Historiography”](#). In: *Journal of the Canadian Historical Association; Revue de la Société historique du Canada*, 25 (2), pp. 1-26; GASPARRI, Stefano. [“The fall of the Lombard kingdom: facts, memory, and propaganda”](#). In: *774: ipotesi su una transizione. Atti del seminario di Poggibonsi, 16-18 febbraio 2006*. Turnhout: Brepols, 2008, pp. 1-25.

²¹ “vir christianissimus et valde illustris atque in rebus bellicis strenuissimus” (ERCHEMPERTO, op. cit., cap. 2, p. 84). Superlativos como esses são recorrentes na obra do cronista, como se verá ao longo deste trabalho, constituindo uma de suas maiores marcas estilísticas.

²² Primeiro Arechi fez uma trégua com os napolitanos e em seguida reuniu os lombardos da região da Liguria para impedir a invasão franca, prometendo-lhes recompensá-los com a divisão de suas rendas: “Qui audiens eos super se adventare, Neapolitibus, qui a Langobardis diutina oppressione fatigati erant, pacem cessit, eisque diaria in Liguria et Cimiterio per incolas sancitam dispensione misericordiae vice distribuit, titubans, ut conici valet, ne ab eorum versutiis Franci aditum introeundi Beneventum repperirent” (ibidem). Depois, tendo percebido que não venceria os francos, conseguiu convencê-los a recuar entregando-lhes, como reféns, os filhos gêmeos, Grimoaldo e Adelgisa; esta terminou sendo devolvida ao pai, por meio do pagamento de uma fiança, mas Grimoaldo foi levado por Carlos para Aachen (Aquisgrana): “Super Beneventum autem Gallico exercitu perveniente, praedictus Arichis viribus quibus valuit primo fortiter restitit, postremo autem, acriter praelantibus, universa ad instar locustarum radice tenuis corrodentibus, magis civium saluti quam liberorum affectibus consulens, geminas soboles vice pigneris iam dicto tradidit cesari, hoc est Grimoaldum et Adelchisam, simulque cunctum thesaurum suum; ex quibus Adelchisa multa cum prece proprio restituta suum genitori, Grimoaldum vero secum remeans detulit Aquis, collata Arichis pace sub foedere pensionis” (ibidem).



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

– Grimoaldo teria utilizado, segundo Erchemperto, diversos ardís para se livrar dessa submissão, o que o qualificava como um homem astuto, engenhoso.

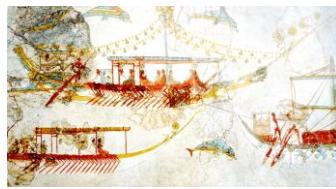
O duque também é retratado como um jovem enérgico, vigoroso, responsável por continuar a resistência iniciada por Arechi e fazer frente às investidas de Pepino (r. 781-810), filho de Carlos e seu sucessor no Reino da Itália. A Grimoaldo Erchemperto atribuiu uma fala cujo teor épico se encarrega de demonstrar cabalmente a sua heroicidade: segundo o cronista, Pepino havia mandado dizer ao beneventano, por meio de embaixadores, que desejava obter dos lombardos, mesmo que à força, tudo aquilo que lhes cabia como súditos do Rei da Itália, exigindo que Grimoaldo se sujeitasse a ele como Arechi havia se sujeitado a Carlos, mas Grimoaldo teria respondido à mensagem, em tom de exclamação: “eu nasci livre, sem amarras das partes de ambos os meus genitores, e creio que, com a proteção de Deus, estarei sempre assim”.²³ Este é, para Erchemperto, o momento em que Benevento ascende da condição política de mero ducado para se tornar um principado que só responde diretamente ao Império Romano, cujo título era detido pelos franceses.²⁴

O terceiro líder virtuoso desenhado por Erchemperto é um outro Grimoaldo, o IV, que havia sido tesoureiro de seu antecessor no ducado – agora principado – beneventano. Ele é descrito como um homem “suavíssimo e tão doce” que conseguiu fazer não somente as pazes com os franceses, mas também uma aliança (*foedus*) com os napolitanos, que eram inimigos de longa data.²⁵

²³ “Unde factum est, ut, Pipino regnante in Ticino et Grimoaldo praesidente in Benevento, frequentissimum bellum vexaret Beneventanos, ita ut nec ad momentum pax interfuerit illis viventibus. Erat enim uterque iuvenili aetate nitentes et ad commotiones et bella declivi. Pipinus autem fultus suorum praesidio bellatorum, iugi continuoque praelio exagitabat eum; Grimoalt vero et civitatibus munitis et primoribus quam plurimis constipatus, parvipendens ac despectui dicens illius persecutionem, in nullo cedebat ei. Agebat itaque per legatos suos Pipinus: ‘Volo quidem, et ita potenter disponere conor, ut sicuti Arichis genitor illius subiectus fuit quondam Desiderio regi Italiae, ita sit mihi et Grimoalt?’. Quibus e contra Grimoalt asserebat: ‘Liber et ingenuus sum natus utroque parente; Semper ero liber, credo, tuente Deo!’” (*ibidem*, cap. 6, p. 92).

²⁴ Para uma análise pormenorizada da emancipação do Ducado de Benevento, cf. CHRISTIE, Neil. *The Lombards: The Ancient Longobards*. Oxford: Blackwell, 1998.

²⁵ “Et hoc quidem ita de hac luce subtracto, Grimoalt alter suscepit iura Beneventi tuenda, thesaurarius videlicet divae memoriae Grimoaldi prioris, *vir quoque sat mitis et adeo suavis*, ut non solum cum Gallis, verum etiam cum universis circumquaque gentibus constitutis pacis inierit *foedus*, et Neapolitis supra



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

A partir daqui, cessam as vidas heroicas dos lombardos, por assim dizer, e Erchemperto começa a descrever os maus líderes que teriam decretado a ruína dos lombardos meridionais. O primeiro deles é Dauferio²⁶, que, embora fosse um “homem respeitável” (*virum spectabilem*), na visão do autor, fora inflamado pelo sentimento de inveja que o “antigo inimigo” (isto é, Satã) sente da paz humana e, “junto de alguns filhos de Belial, foi instigado a organizar um horrível complô para assassinar o príncipe [Grimoaldo IV]”, por meio de uma emboscada.²⁷

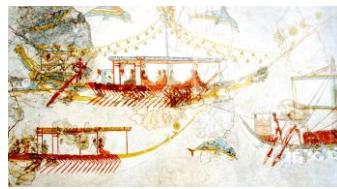
Porém, auxiliado por Deus – segundo Erchemperto – Grimoaldo teria descoberto o plano e o evitado; ele ainda havia capturado Dauferio e o colocado na prisão, mas logo em seguida o prisioneiro fugiu e foi acolhido pelos napolitanos, que, com ele, irromperam uma nova guerra contra os beneventanos. O desfecho desse relato atende a dois propósitos: por um lado, pelo contraste, ela realça a “misericórdia” característica de Grimoaldo, que, oferecendo aos adversários um acordo em que concedeu alguns de seus bens pessoais, conseguiu restaurar a paz regional²⁸; por outro, ele serve para introduzir a próxima etapa da narrativa, pois, como decorrência de sua misericórdia, o “inocente” Grimoaldo IV acaba traído e finalmente é assassinado, não por Dauferio, mas numa nova insurgência, promovida por Radelchi, conde de Conza (filho de

memoratis gratiam pacemque donavit” (*ibidem*, cap. 7, p. 92). Todos os grifos que aparecem nas citações diretas das fontes primárias são nossos. Para uma análise detalhada da história dos conflitos entre lombardos e napolitanos, ver GRANIER, Thomas. “[Napolitains et Lombards aux VIIIe-XIe siècles. De la guerre des peuples à la “guerre des saints”](#)”. In: *Mélanges de l’École française de Rome, Moyen-Age*, tome 108, n. 2. 1996, pp. 403-450.

²⁶ Este Dauferio é, provavelmente, aquele conhecido como “O Profeta”, pai do Radelchi abaixo citado, conde de Conza (BERTOLINI, Paolo. [Dauferio, detto il Profeta](#). *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 33, 19, 1987). Sua família era tão rica e poderosa que tinha um palácio na praça central de Benevento e livre trânsito na residência principesca, reputação que facilitou as tentativas golpistas de Dauferio e Radelchi.

²⁷ “Set quia *antiquus hostis* semper invidet pacatis et *piis viris*, atque bella et discordiae semina in eis serere molitur, Dauferium quendam, *virum spectabilem*, suae artis malicie ignivit, et cum nonnullis filiis Belial horrendum fecit inire consilium adversus principem fatum hoc modo. Depositis quippe in itinere insidiis, ut dum per pontem proficiseretur Veterimae urbis ad praedictam urbem Salernum properans, impulsus a menbris Satanae profundum, fluctibus marinis immergeretur, esset veluis in pastum” (*ibidem*, cap. 7, p. 94).

²⁸ “Statim denique ob solitam misericordiam praedicto viro [Grimoaldo] donationem de rebus suis praecepto firmavit, gratiam vero familiaritatemque primam non denegavit” (*ibidem*, cap. 8, p. 96).



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

Dauferio), e Sicone, gastaldo de Acerenza²⁹, nobres que o duque havia acolhido com muitas honras em sua própria corte, durante o conflito com os napolitanos.³⁰

Radelchi e Sicone se tornaram, assim, os novos príncipes de Benevento – ou, mais precisamente, este último, pois o primeiro, atormentado pela culpa e pelo medo do inferno, segundo Erchemperto, renunciou “corajosamente” ao posto e se retirou no mosteiro de Montecassino.³¹ Sicone, sozinho no poder, teria governado com uma “crueldade bestial” (*bestiali efferitate*) e se tornado, na visão do cronista, o primeiro tirano dos lombardos, aliando-se aos francos para perseguir os próprios beneventanos que, fiéis à família de Grimoaldo, opunham-se a ele.³² Tendo chegado ao poder de modo ilegítimo, por meio da violência, a sua linhagem parece, para Erchemperto, fadada a reproduzir a iniquidade³³; enquanto os herdeiros de Sicone – que compartilham sua natureza cruel e traiçoeira – dominam Benevento, o principado não recupera a sua paz e vive em perpétua guerra civil.

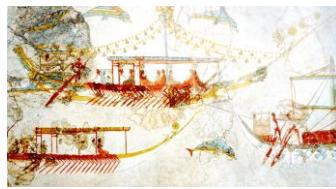
²⁹ Há divergências sobre a origem de Sicone: alguns historiadores dizem que ele era um exilado do Ducado de Espoleto – BERTO, Luigi Andrea. “Il quadro storico”; “Il testo”; “Confronti e presenze”. In: _____ (ed.). *Piccola storia dei Longobardi di Benevento*. Nápoles: Liguori, 2013, p. 99 – e outros defendem que era nativo de Friuli e que teria sido criado, desde criança, como filho adotivo, por Arechi (LORÉ, Vito. “[Sicone, principe di Benevento](#)”. *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 92, 2018a).

³⁰ “Interea Radechis comes Consinus, Sico Agerentinus castaldeus, quem Grimoalt dudum proselitum receperat honoribus plurimis deferens, sub dolo insurgentes in eum, cum iam extremum, spiritum traheret, gladio eum peremerunt” (ERCHEMPERTO, op. cit., cap. 8, p. 98).

³¹ “Interfecto igitur eo *innocenter*, praedictus Radechis Siconem loco illius principem subrogavit. Ipse vero non multum post cuncta viriliter mundana metu gehennae abdicans, ad beati se contulit Benedicti suffragia, catenaque cervice tenus vincitus, eius coenobium Christo militaturus adiit, se reum quoque clamitans et impium, se male agisse ac crudeliter vociferans, sicque monachicum scema sumens, in tanta se districione corporis animique coram oculis internis arbitris in eodem monasterio coartivit, ut nulli scrupulum adsit, omnium facinorum suorum veniam adipisci meruisse” (ibidem, cap. 9, p. 98).

³² “Suscepto itaque Sico principatu, foedus cum Francis innovavit, Beneventanos bestiali efferitate persequitur, atque se superstite filium suum, Sicardum nomine, heredem principatu effecit, *virum satis lubricum, inquietum et petulante, animique elatione tumidum*” (ibidem, cap. 10, p. 100).

³³ Erchemperto omite, porém, que o próprio Arechi, seu primeiro herói, também havia chegado ao posto de duque pela força, entronizado pelo rei Desiderio, após a deposição do duque anterior, Liutprando (751-758). Cf. INDELLI, Tommaso. “[Arechi II e i rapporti con il papato](#)”. In: ROTILI, Marcello (ed.). *Tra i Longobardi del Sud: Arechi II e il Ducato di Benevento*. Padova: [s. n.], 2017, pp. 451-474.



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

Se os retratos dos personagens individuais de Erchemperto são marcados por adjetivos bastante significativos, as menções à coletividade dos lombardos geralmente acontece desacompanhada de qualificadores que nos permitem caracterizar o grupo como um todo, então é preciso prestar atenção nos verbos e em outros substantivos utilizados para descrever suas ações. E eles denunciam duas coisas: primeiro, os lombardos são, para o cronista, um povo beligerante (sobretudo a partir da geração de Sicone), que está sempre guerreando, senão com os “outros” do Mediterrâneo (como os napolitanos, que se confundem com os bizantinos, uma vez que Nápoles era um enclave governado por um *magister militum* ou *dux* nomeado por Constantinopla³⁴), pelo menos consigo mesmo.

Para o monge, tal litigância tem um motivador claro: assim como as virtudes dos heróis produzem a paz, os vícios dos maus líderes é que compelem o povo à violência, ou seja, teriam sido os pecados dos *principes* a causar a corrupção moral dos lombardos e, logo, a degeneração de sua história. É o que se depura, por exemplo, do relato da guerra de dezesseis anos que Sicone e seu filho e sucessor, Sicardo³⁵ (referido como “homem muito falso, tempestuoso, petulante e de ânimo orgulhoso e rebelde”), travaram contra os napolitanos³⁶, ou do que o cronista fala acerca daquele que julga ser o maior combate que já acontecera em Benevento desde que os lombardos ali haviam chegado³⁷: a guerra civil deflagrada entre as facções dos dois candidatos a suceder Sicardo no principado, um outro Radelchi (839-851)³⁸ e Siconolfo – que, diante da ascensão do rival, refugiou-se em Cápua e a partir dali, onde fundou seu próprio principado, organizou seus ataques

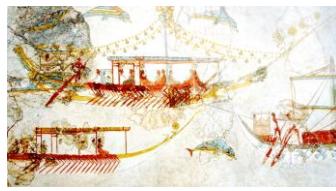
³⁴ Explicação fornecida por Berto em nota de rodapé (cf. *ibidem*, cap. 8, p. 95).

³⁵ Para uma biografia de Sicardo, ver LORÉ, Vito. “[Sicardo, principe di Benevento](#)”. In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 92, 2018b.

³⁶ “Per idem tempus Neapolitis, quorum superius mentionem feci, bellum a Sicone creberimum motum est, et civitate valide obsessa tellure pontoque ac fortiter iaculis et scorpionibus *oppugnata*, pene capta esset, si *defuisse* ingenium” (ERCHEMPERTO, op. cit., cap. 10, p. 100).

³⁷ “Quo etiam tempore liberi Dauferii Balvi, videlicet Romoalt, Arichis et Grimoalt, nec non et Guaiferius, Beneventi moenia relinquentes, Salernum *invadere*, Siconulfumque quo latebram fovebat repertum, seniorem sibi unanimiter constituerunt; factaque tunc talis *dissensio*, qualis nunquam fuit in Beneventum ex eo quo Langobardi in ea ingressi sunt” (*ibidem* cap. 14, p. 108).

³⁸ Este Radelchi havia sido tesoureiro de Sicardo (LORÉ, Vito. “[Radelchi I](#)”. In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 86, 2016). Erchemperto diz que, sendo “um homem moderado e dotado de bons costumes”, ele teria sido eleito ao principado num consenso de toda a província beneventana: “Decedente itaque Sikardo ab hac luce corporea, Radelgisus principatus regimen suscepit, thesaurarius praefati viri, in cuius electione omnis ut ita dicam Beneventi provincia consensit, vir autem blandus ac bonis moribus pollens” (ERCHEMPERTO, op. cit., cap. 14, p. 108).



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

contra Benevento.³⁹ Nessas exposições, os lombardos estão ligados a verbos como assediar (*oppugnare*), flagelar (*flagitare*), invadir (*invasere*), bem como a substantivos como dissenso (*dissensio*) e golpe (*dolo*).

Assim, conquanto o discurso de Erchemperto, típico dos historiadores de seu tempo, às vezes nos faça crer que as ações humanas, tanto as boas quanto as más, são resultados unicamente das intervenções de Deus ou de Satã – como aquela que fez Dauferio se levantar contra Grimoaldo mesmo sendo um “homem respeitável” – ele não deixa de reconhecer que os acontecimentos históricos se desdobram do temperamento humano: Arechi e os dois Grimoaldos foram, na apreciação do cronista, bons duques e príncipes porque eram virtuosos, ao contrário de Sicone e sua descendência, Sicardo e Siconolfo, movidos pela inveja, pela ganância, pela arrogância e pela tempestuosidade. Não à toa, em um capítulo mais avançado da obra, o autor assevera que a “destruição da terra” e o “derramamento de sangue” na região de Benevento resultavam “da loucura e da guerra civil entre irmãos”.⁴⁰

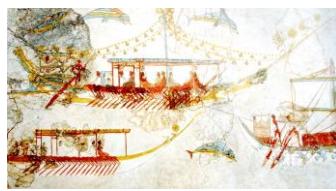
Em suma, para os cronistas de Montecassino, as elites lombardas, com seu temperamento degenerado, eram elas próprias as responsáveis por apequenar a história de seu último principado no Mediterrâneo, reduzindo-a a uma simples *ystoriola*.

II. Os francos: de bárbaros ferozes a aliados providenciais

Como se viu acima, os francos estão presentes na crônica de Erchemperto desde o seu início. Para falar deles, o cronista emprega dois substantivos para falar: *franci*, literalmente (com onze ocorrências), e *galli* (nove ocorrências), com vinte menções ao todo.

³⁹ Siconolfo era irmão de Sicardo (BERTO, Luigi Andrea. *Introduzione storica e analisi del testo. In: CRONICAE Sancti Benedicti Casinensis*. Firenze: Galluzzo, 2006, p. vii).

⁴⁰ O trecho serve também para que Erchemperto louve a atuação diplomática dos abades de Montecassino, que procuram manter a sua influência religiosa na região tentando impedir que um dos príncipes cometa a “impiedade” de consagrar um bispo sem a autorização da hierarquia eclesiástica: “Hac pro insania et fraterna civilique expugnatione enixius flagitati, Bertar sagacissimus abbas monasterii supradicti sanctissimi Benedicti, et Leo venerabilis praesul Teanensis, Urbem profecti sunt, adieruntque dictum pontificem, obsecrantes eum suppliciter, ut tam grave piaculum non ageret, unde ruina terrae et sanguinis effusio procul dubio fieret” (ibidem, cap. 47, p. 164).



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

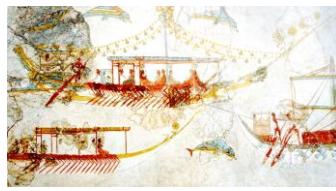
A princípio, eles são reconhecidos como invasores temíveis, que os lombardos só conseguem repelir oferecendo reféns e outros tributos. Em certa passagem, quando está narrando o desfazimento do matrimônio entre Grimoaldo III e Wantia, sobrinha do imperador bizantino, Erchemperto chega a classificá-los como “povos bárbaros” (*barbarum gentium*)⁴¹, cuja ferocidade o beneventano tentara aplacar, sem sucesso, ao dissolver seu próprio casamento para tentar uma aliança com eles; dado o seu fracasso, os frances haviam conquistado Teano e Nocera (esta última terminou recuperada pelo beneventano), duas cidades da província de Benevento.

Todavia, como também notamos anteriormente, uma vez que Carlos Magno e seus filhos consolidam o controle do reino itálico, eles se acomodam, deixam de buscar a sujeição militar da Lombardia Menor e passam, pouco a pouco, a apostar em alianças para controlar, ao menos indiretamente, a região; eles entram, assim, para a condição de aliados providenciais das facções que lutam pelo poder do principado. Essa aliança começa com o *foedus* firmado por Sicone, a partir da qual os frances se tornam *players* importantes no jogo político regional.

A partir dessa mudança, os adjetivos para qualificar os gálicos, individual e coletivamente, mudam: Carlos é recordado como “grande augusto” e seu herdeiro, Luís I (i. 814-840) é cognominado como “O Bom” (*Almus*) – epíteto que nós costumamos traduzir como “O Pio” ou “O Piedoso”.⁴² Todavia, Erchemperto não deixa de notar que a aliança dos frances tinha sempre um preço, pois, assim como acontecia na família de Sicone (caso do duque Guido de Espoleto, cunhado de Siconolfo), eles seriam

⁴¹ “Hoc quidem callide licet egerit, efferitatem tamen supradictarum *barbararum gentium* sedare minime quivit” (ibidem, cap. 5, p. 90).

⁴² Erchemperto nota, no entanto, que, após se libertar de um cativeiro imposto pelos seus próprios súditos, Luís aceitou ajudar os napolitanos a dissuadir um cerco imposto por Sicone e Sicardo: “Oppressi igitur durius a genitore et filio per sedecim continuos annos cives praefatae urbis, cum iam ad extremitatem maximam pervenisset, ad Francorum se contulere praesidium. Hiis denique diebus praererat illis cesar *Lodognicus cognomento Almus, filius Karli superioris augusti*, qui Luthorium natum suum consortem dum regni asciret, ab eo una cum socia sua captus ac custodiae mancipatus est, set ab optimatibus suis eruptus, ad pristinam sublimatus est gloriam; quibus annitentibus, obsessio ab illis aliquandiu sublevata est” (ibidem., cap. 10, p. 102).



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

movidos, acima de tudo, pelo “desejo do dinheiro” (*cupiditate pecuniarum*), capaz de superar até a lealdade aos laços parentais.⁴³

III. Os muçulmanos: mercenários selvagens e vizinhos perigosos

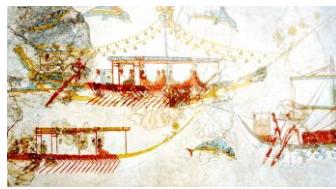
Quanto aos muçulmanos, são três os nomes que Erchemperto usa para se referir a eles: agarenos (sete ocorrências) – porque tidos como descendentes de Agar, escrava e concubina do patriarca Abraão – ismaelitas (nove menções) – visto que eram considerados descendentes de Ismael, filho de Abraão com Agar – e sarracenos (trinta e oito vezes) – porque, em outra interpretação das Escrituras, podiam ser tomados como descendentes de Sara, esposa oficial de Abraão)⁴⁴, totalizando cinquenta e quatro ocorrências, de longe o povo mais citado na crônica, o que releva o seu peso na história da Itália meridional.

Os muçulmanos entraram na Lombardia Menor no momento em que os francos deixaram de ser uma ameaça externa; eles ocuparam esse lugar de perigo iminente que os gálicos haviam deixado. Na primeira menção a eles, o monge diz que haviam saído da Babilônia e da África “como um enxame de abelhas”, com um imenso exército, com o qual logo invadiram a Sicília, devastando-a e tomando a cidade de Palermo.⁴⁵ Observa-se aqui um primeiro *topos* na descrição que o cassinês faz dos muçulmanos: eles são

⁴³ “Erat autem idem Guido dux Spolitensium, Siconolfi cognatus, pro cupiditate tamen pecuniarum, quibus maxime Francorum subicitur genus, postposito vinculo parentali in adiutorium illico profectus est Radelgisi, atque per nuncios suggessit Siconolfo obsidente urbem, ut obsessione relicta ad propria remearet [...]” (*ibidem*, cap. 17, p. 114). Fica claro que, para Erchemperto, essa cupidez também explicaria o levante acima indicado, que levou à captura do imperador pelos próprios súditos.

⁴⁴ A história de Abraão, Sara, Agar e Ismael é contada no capítulo 16 do livro de *Gênesis*.

⁴⁵ “Circa haec tempora gens Agarenorum a Babilonia et Africa ad instar examinis apum manu cum valida egrediens, Siciliam properavit, omnia circumquaque devastans; tandem civitatem insignem Panormum nomine captam, nunc usque commoratur, plurimasque in eadem insula urbes et oppida dirruens, iam pene tota illarum gentium ditioni substrata congemiscit” (ERCHEMPERTO, op. cit., cap. 11, p. 102). Ao que sabemos, os muçulmanos invadiram a Sicília em 827 e conquistaram Palermo em 831 (nota de Berto, *ibidem*, cap. 11, p. 103).



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

sempre retratados como uma multidão indistinguível e uma força militar implacável, dado o seu número vultuoso.⁴⁶

Essa tópica fica clara no extrato abaixo, no qual abundam os números superlativos para quantificar as tropas sarracenas, ao passo que as tropas francas e lombardas sequer são numeradas.

Absolutus autem, Domino iubente, cesar insons, statim Saraceni Salernum applicuerunt quasi 30 milia; quam graviter obsidentes, hinc et inde cuncta forinsecus stirpitus deleverunt, occisis in ea innumerabilibus colonis; et depopulati sunt ex parte Neapolim, Beneventum et Capuam. Quo tempore ambo Lamberti comites, augusti furorem metuentes, Beneventum recesserunt, et ab Adelgiso honorifice suscepti sunt; quorum auxilio fretus, super Saracenorum scaram irruit et viriliter stravit, occisis ex eis pene tribus milibus viris. Quibus etiam diebus Capuam iuxta Suessulam mille ex eis peremerunt. Cumque in hac obsidione prope terminaretur annus, misso exercitu iam dictus augustus per sugestionem Landulfi praesul is – hoc enim solummodo memorabile bonum gessit a die ortus sui – et perdidit ex prophanis in Capua ferme novem milia viros. Post haec per semet ipsum dignatus est adveniret Capuam; cuius advento cognito, Saraceni Salernum relinquentes, Calabriam adeunt, eamque intra se divisam repperientes, funditus depopularunt, ita ut deserta sit veluti in diluvio.⁴⁷

⁴⁶ Trata-se de uma tópica antiquíssima, que remonta ao período das *Histórias* de Heródoto e da tragédia *Os persas*, de Ésquilo (século V a. C.), e que podemos entender por meio do conceito de “orientalismo”: cf. SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Nessa ideia que se faz dos povos orientais, eles sempre se movem como hordas vorazes, como enxames de insetos que corroem tudo o que tocam.

⁴⁷ Os beneventanos haviam aprisionado Luís para obrigar-lo a jurar que não voltaria a intervir militarmente na Lombardia Menor sem a requisição das elites locais – e o imperador aceitou a condição, por isso foi libertado: “Liberado, então, o inocente césar [Luís II, em 872], por ordem de Deus, cerca de 30 mil Sarracenos se dirigiram, imediatamente, a Salerno, que assediaram gravemente, destruindo, até a fundação, tudo o que havia do lado de fora da cidade e matando inumeráveis colonos; saquearam, ainda, as regiões de Nápoles, Benevento e Cápua. [...] Adelchi, confiando no auxílio deles [dos condes de Cápua], assaltou um contingente de Sarracenos, derrotando-os valorosamente e matando cerca de três mil homens. Naqueles dias, os Capuanos também mataram mil Sarracenos, nas proximidades de Suessula. [...] [As tropas lombardas] mataram cerca de nove mil infiéis junto a Cápua. [Só] depois disso tudo o augusto se dignou a entrar na cidade; quando souberam da sua chegada, os Sarracenos fugiram de Salerno. Rumando à Calábria, encontraram-na profundamente dividida e a arrasaram até que ficasse toda despovoada, deserta como se ali tivesse ocorrido um dilúvio” (ibidem, cap. 35, p. 146).



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

A horda islâmica era considerada tão assustadora que Erchemperto a comparava a fenômenos naturais destrutivos, como os dilúvios, ou, como vimos anteriormente, a mortíferos enxames de abelhas. Contudo, tal aspecto pode até ter amedrontado os monges, mas certamente também despertou o interesse dos príncipes lombardos: Erchemperto conta que foi Pandone, o gastaldo da cidade de Bari (que pertencia ao principado), quem, em 847, obedecendo às ordens de Radelchi, primeiro recrutou as falanges sarracenas para a guerra civil contra Siconolfo.

O relato da negociação ganha ares irônicos quando o monge conta que Pandone, “traidor do seu povo e da sua pátria”, acomodou os mercenários junto ao lado externo dos muros da cidade, defronte ao mar, mas foi traído por eles, que, liderados por Khalfün, perceberam as fragilidades da fortificação e aproveitaram a escuridão da noite para invadir a cidade, matar os habitantes que dormiam – inclusive Pandone – e escravizar outros.⁴⁸ Nesse relato, Erchemperto parece considerar que a traição sarracena era esperável, pois, para ele, os estrangeiros são “ardilosos por natureza e mais espertos que os outros na realização do mal”.

Começa ali uma relação ambígua entre lombardos e sarracenos. Erchemperto acrescenta que, mesmo após a traição dos mercenários muçulmanos, Radelchi os tratou como “amigos familiares”, porque sabia que não conseguia retirá-los de Bari, e continuou o plano de empregar sua força na luta contra Siconolfo.⁴⁹ Em seguida, o cassinês indica ainda que o mesmo Siconolfo buscou, contratar seus próprios mercenários muçulmanos, percebendo que sem eles não conseguia fazer frente aos

⁴⁸ “Hiis quoque diebus Pando quidem Varim regebat, qui iussis optemperans Radelgisi, Saracenorum phalangas in adiutorium accitas iuxta murum urbis et oram maris locavit commorandas. Hii autem, *ut sunt natura callidi et prudentiores aliis in malum*, subtilius contemplantes munitionem loci, intempesta noctis christicolis quiescentibus per abdita loca penetrant urbem, populumque insontem partim gladiis trucidarunt partim captivitati indiderunt. Supradictum vero proditorem gentis et patriae variis multisque suppliciis debachantes, postremo, ut vere dignum fuit, marinis sugillarunt gurgitibus” (ERCHEMPERTO, op. cit., cap. 16, p. 112).

⁴⁹ “Quo comperto Radelgis, quia eos urbe nullatenus evellere quibat, coepit tamen quasi familiares amicos excolare et ad suum adiutorium sensim provocare. Ac primum castrum Cananense una cum Urso filio suo illis destinavit oppugnandum” (ibidem).



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

adversários; o autor compara o relato ao que chama de dito popular: “uma planta má deve ser podada com uma cunha má”.⁵⁰

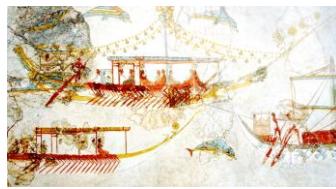
As descrições feitas sobre os muçulmanos continuam sempre negativas; Erchemperto não tem nada de positivo para dizer sobre eles. Pior que isso: as calamidades causadas por eles se misturam de modo inextricável à tragédia da guerra civil lombarda, agudizando exponencialmente o conflito e tornando catastróficas as suas consequências, como se vê a seguir:

Erat autem adhuc inter Siconolfum et Radelgisum frequentissima pugnae concertatio et cotidiana litium seditio, unde et ex diversa parte quibus via iustitiae displicebat alternatim ab uno in alterum configiebant, fiebantque crebra par rapinae incestaeque fornicationes. Erant siquidem universi erranei et ad malum prompti, quasi bestiae sine pastore oberrantes in saltum. Set cum iugiter civili bello invicem inter se lacerarentur, essetque omnium pernicies et ut ita dicam animae et cordis extrema perditio, maxime quia Saraceni Benevento degentes, quorum rex erat Massari, intra extraque omnia funditus *devastavit*, ita ut etiam optimates illius pro nichilo ducerent atque ut ineptos servulos taureis duriter flagellarent.⁵¹

O quadro acima é de terror e perdição total, uma completa *hybris*. Na avaliação de Erchemperto, a ausência de um “bom pastor”, isto é, de um líder virtuoso dentre os lombardos fê-los regredir para a condição de bestas incivilizadas. Degradava ainda mais o cenário o fato de que Radelchi havia permitido que os sarracenos se assentassem

⁵⁰ A diferença entre as ações dos dois líderes era a proveniência dos guerreiros contratados: segundo Erchemperto, os recrutas de Radelchi eram líbios, ao passo que os de Siconolfo eram hispânicos: “Interea Siconolfus Beneventum crebris praeliis graviter affligebat, atque ut dici solet ‘*mala arbor, modo malus infigendus est cuneus*’, contra Agarenos Radelgisi Libicos Hismaelitas Hispanos accivit [...]” (ibidem, cap. 17, p. 114).

⁵¹ “Até aquele momento [por volta de 849] tinham acontecido frequentíssimos combates e lutas cotidianas entre Siconolfo e Radelchi, além de muitas rapinas e fornicações incestuosas, motivo pelo qual, de parte a parte, aqueles que estavam descontentes com a administração da justiça se refugiavam, alternativamente, junto a um ou outro. Com efeito, todos vagavam de cá e de lá e estavam prontos para praticar o mal, como se fossem bestas que, sem um pastor, erram no pasto. Enquanto [Siconolfo e Radelchi] se dilaceravam, continuamente, em uma guerra civil, a ruína se abatia sobre todos e havia, por assim dizer, uma perdição absoluta dos ânimos e dos corações, sobretudo porque os Sarracenos, cujo rei era Massar, residiam em Benevento e devastavam tudo o que havia dentro e fora da cidade, até as fundações, sem poupar nem mesmo os aristocratas, que flagelavam duramente, açoitando-os como se fossem servos ineptos” (ibidem, cap. 18, p. 116).



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

também na própria capital, Benevento, onde eles se aproveitavam da fragilidade dos nativos para oprimi-los como se fossem os “donos da casa”. A inépcia da aristocracia autóctone era castigada pela crueldade dos novos invasores.

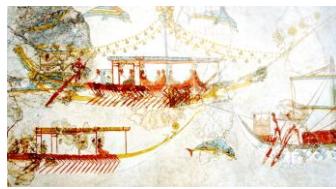
Esse cenário de absoluta desolação só terminou com a morte de Radelchi e Siconolfo. Eles foram sucedidos, respectivamente, por Ademario (que era legado de Radelchi) e Landolfo, que havia sido gastaldo de Siconolfo em Cápua e foi sucedido por seu filho, Landone. Ademario e Landone parecem ter percebido que o recurso aos soldados muçulmanos havia deteriorado o conflito, tornando-o mais áspero, violento, e, tendo feito uma trégua, retomaram o contato com o imperador franco, dirigindo-lhe, juntos, súplicas para que descesse à península e afastasse os sarracenos dali.

Àquela altura já era imperador Luís II (855-875), filho de Lotário I (817-855) e neto de Luís I, e o soberano não permaneceu indiferente ao pedido dos lombardos; ele não só os atendeu, expulsando os inimigos de Benevento, como tomou uma decisão que mudaria a história regional para sempre: ordenou a divisão do principado em dois, reconhecendo formalmente a independência de Cápua.⁵² Assim ele procurou colocar fim a uma sangrenta guerra civil, que já durava décadas, e permitiu que os lombardos se recompusessem para continuar o enfrentamento aos muçulmanos.

Um verbo acompanha quase todas as descrições da ação muçulmana: devastar (*devastare*). A ele se somam os verbos e depredar (*depraedare*) e despovoar ou saquear (*depopulare*), que sinalizam dois dos principais prejuízos atribuídos pelo cronista à presença islâmica na região: a destruição do patrimônio imobiliário/predial e a fuga da população originária. Esse aspecto é ainda mais acentuado quando as vítimas da violência sarracena são casas monásticas, segundo vemos abaixo:

[...] qui [Athanasius praesul Neapolis], ut praemisimus, exulato fratre proprio cum Saracenis pacem iniens, ac primum infra portum aequoreum et urbis murum collocans, omnem terram Beneventanam simulque Romanam necnon et partem Spoletii dirruentes,

⁵² “Huic ergo Lodoguico augusto suppliciter relatum est per Landonem comitem Capuanum, filium Landolfi supradicti viri, et per Ademarium iam fatum virum. Qui licet erat admodum parvuli, pro Dei tamen zelo eorum humilibus precibus aures accommodans, etiam consensum praebuit; et celeriter veniens, universos prophanae gentis hostes ab urbe vi distrahi hac framea necari fecit; et praesentibus omnibus Langobardis, inter duos praedictos viros totam provinciam Beneventanam aequitatis discrimine sub iureiurando dispertivit” (ibidem, cap. 19, p. 118).



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

cunctaque monasteria et ecclesias omnesque urbes et oppida, vicos, montes et colles insulasque depraedarunt. A quibus etiam sanctissimi Benedicti coenobia decentissima, toto orbe veneranda, et sancti Vincentii martiris monasterium igne exusta sunt, aliaque innumerabilia, excepta Suessula, quam veraciter christianorum fraude miserabiliter suffossa est.⁵³

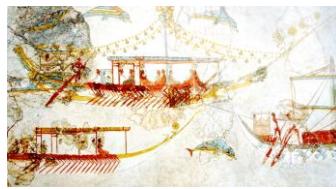
Outro verbo que costuma ser imputado aos sarracenos é *laniare*, que podemos verter tanto como “destruir” quanto como “lacerar” ou “despedaçar” (no sentido de promover uma carnificina), como no seguinte trecho: “Naquele meio-tempo, os Sarracenos dilaceraram cruelmente todo o supradito território [de Nápoles], ao ponto da terra sucumbir e, abandonada pelos seus cultivadores, ser tomada por teias de aranha e espinhos”.⁵⁴ O uso desses vocábulos, enfim, compreende um campo semântico que denuncia a completa ruína do Mezzogiorno; eles retornam no excerto abaixo, com o qual assistimos à dispersão dos ismaelitas pelo sul da península:

Per idem tempus Agareni Varim incolentes, cooperunt devastantes stirpitus depraedare totam Apuliam Calabriamque, ac pedetentim Salernum ac Beneventum depopulare initiarunt. Tunc iterum sugestum est lamentabili supplicatione iam saepe dicto piissimo augusto per Bassacium venerabilem virum, beati Benedicti vicarium, et per Iacobum, sancti Vincentii abbatem, ut properare quantocius dignaretur, et suo adventu eriperet quos ante iam misericorditer redemerat.⁵⁵

⁵³ “Os Sarracenos tinham destruído todo o território Beneventano, junto com o Romano e até o Espoletano, depredando todos os seus mosteiros, igrejas, cidades, castelos, vilas, montes, colinas e ilhas. Eles também incendiaram os maravilhosos cenóbios do santíssimo Bento, venerados em todo o mundo, bem como o mosteiro do mártir san Vicenzo e outros inumeráveis lugares – exceto Suessula, que, na verdade, foi miseravelmente destruída, enganosamente, por alguns cristãos” (ibidem, cap. 44, p. 161).

⁵⁴ “Inter haec Saraceni totam supradictam terram crudeliter laniabant, ita ut desolata terra cultoribus, vestibus et vepribus repleta fatiscat” (ibidem, cap. 51, p. 168).

⁵⁵ “Naquele ínterim os Agarenos, que habitavam Bari, começaram a depredar a Apúlia e a Calábria, devastando-as completamente; um pouco depois iniciaram saques em Salerno e Benevento. Então, através do vigário do beato Bento, Bassacio, homem venerável, e do abade de São Vicente [em Volturno], Giacomo, pediu-se, novamente, com uma súplica lacrimejante, que o já muito mencionado e piissimo augusto se dignasse a ir o mais rápido possível àquela terra para salvar, com a sua chegada, aqueles que anteriormente ele já havia redimido” (ibidem, cap. 20, p. 120). No capítulo anterior Erchemperto informa que, quando essa embaixada foi enviada à França, Radelchi já estava morto e que seu filho Radelgario o sucedera; sabemos que isso aconteceu em 851 e que Bassacio foi abade de Montecassino até 856 e Giacomo foi abade de São Vicente em Volturno até 853, o que nos dá uma datação aproximada do episódio.



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

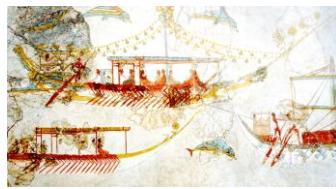
Aqui os francos voltam à cena: mais do que aliados, eles regressam como potenciais salvadores dos lombardos, afinal, não eram mais vistos como os bárbaros de outrora, mas sim como representantes de um longínquo Império Romano, conforme denuncia o epíteto a dirigido a Luís II: “piíssimo augusto”. Um século depois, as tentativas de Carlos Magno e Pepino de impor aos lombardos a submissão já haviam sido esquecidas; diante de um novo inimigo, os lombardos preferiam se lembrar dos francos como os aliados que haviam se tornado ao longo do tempo.

Aquela altura, o chefe dos sarracenos era Sawdân, homem “dissolutíssimo e celeradíssimo”, que prosseguia dirigindo as devastações sobre a região.⁵⁶ Foi contra ele que, em 871, Luís II agiu, atendendo às súplicas dos embaixadores lombardos de extirpar, de uma vez por todas, a ameaça sarracena, atacando a sua maior base, a cidade de Bari:

Sequenti autem anno multis fultus auxiliatoribus Varim perrexit, atque cum saepe dicto Saugdane augustalis exercitus pugnam commisit, a quibus et superatus aufugiit, amissa non modica parte bellatorum. Dehinc omnia eorum circumquaque sata comburens, Materiam adiit, quam et sine mora igne cepitque. Tunc venit Venusiam, castrametatusque in ea coepitque renovare, et Varim hinc et inde graviter expugnans demolitus est; positoque praesidio pugnatorum in Canusia, vicissim eos cornibus ventilabat. Quo terrore perculsi, multi ad augustalem confugientes clementiam, dari sibi petebant dextras; quibus tunc solitam misericordiam non denegat. Post haec itum est Oream urbem, sicque itidem reversus est Beneventum, atque annitente sibi dextera superna, cum iam ad extremitatem maximam pervenissent Saraceni, misso exercitu, Varim cepit, capto in ea Saugdan effero rege cum aliis nonnullis satellitibus suis. Deinde Tarantum obsidere iussit.⁵⁷

⁵⁶ “Inter haec Saugdan, nequissimus ac sceleratissimus rex Hismahelitum, totam terram Beneventanam igne gladiis et captivitate crudeliter devastabat, ita ut non remaneret in ea alitus” (ibidem, cap. 29, p. 134). Note-se que, desconhecendo os títulos de comando da cultura islâmica, Erchemperto trata todos os chefes dos muçulmanos como reis (reges). A biografia de Sawdân pode ser consultada em: PIO, Berardo. “[Sawdân](#)”. In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 91 (2018).

⁵⁷ “Com o apoio de muitos aliados, no ano seguinte Luís se dirigiu a Bari e o exército do augusto se engajou em batalha com o já bastante mencionado Sawdân. Derrotado por aquelas tropas, Sawdân fugiu, perdendo uma parte nada pequena dos seus guerreiros. Em seguida, depois de ter queimado, naquelas imediações, todos os grupos dos Sarracenos, Luís foi a Matera, que tomou e incendiou sem hesitação. Depois, rumou para Venosa, ali acampou e começou a restaurá-la; destruiu, ainda, Bari, atacando-a duramente, de vários lados. Construindo um presídio de guerreiros em Canosa, o próprio imperador aterrorizou os moradores daquela zona com o som de seus berrantes. Muitos,



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

Perceba-se que o comportamento do imperador franco, aqui, é ambivalente: por um lado, ele demonstra misericórdia a quem lhe roga e manda reconstruir cidades destruídas, por outro, ele próprio destrói as localidades habitadas por muçulmanos, condena-os ao fogo e aterroriza os camponeses que encontra pelo caminho. A explicação para tais ações é, ao nosso ver, uma só: no processo ideológico de construção de um outro (a que chamamos de “outridade”) considerado radicalmente diferente e, no limite, inimigo, ele é desumanizado e se torna suscetível às mais atrozes condenações.⁵⁸

Ademais, como vimos acima, Erchemperto costuma construir paralelos entre os episódios que narra, estabelecendo entre eles relações lógicas que explicam o seu entendimento das coisas: ainda que tenham se tornado eventualmente aliados, os frances não deixam de ser, para ele, tão bárbaros quanto os maus lombardos e, sobretudo, os ismaelitas, que parecem, assim, provar do próprio veneno ao sofrerem nas mãos das tropas imperiais.⁵⁹

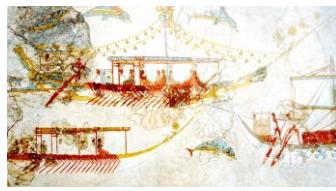
IV. Os bizantinos: tiranos opressores e saqueadores traiçoeiros

No texto de Erchemperto, os bizantinos são majoritariamente chamados de “gregos” (vinte e seis ocorrências) e, umas poucas vezes (três, mais precisamente), de aquivos,

amedrontados pelo terror, entregaram-se à clemência do augusto e pediram para lhe oferecer a mão direita. Ele não lhes negou a sua costumeira misericórdia. Depois desses fatos, [o imperador Luís II] foi à cidade de Oria, de onde retornou a Benevento; de lá ele enviou um exército a Bari e, com o apoio da superna mão direita, retomou-a dos Sarracenos, [cujas hostes] já estavam extremamente reduzidas. Ali foi capturado o selvagem rei Sawdan, com alguns homens de seu séquito; em seguida, [o imperador] ordenou que [a cidade de] Taranto fosse assediada” (*ibidem*, cap. 33, p. 142). A tomada franca de Bari data de 871, o que nos permite situar temporalmente os eventos narrados.

⁵⁸ cf. NECKEL, *op. cit.*

⁵⁹ Com efeito, as identidades étnicas são construídas em uma dupla dimensão: dependem da avaliação subjetiva que cada observador faz de si e do outro, mas também são determinadas pelos comportamentos, pelas ações objetivas de cada um. Cf. DELOGLU, Paolo. “[Ritorno ai longobardi](#)” In: ARCHETTI, Gabriele (org.). *Desiderio: Il progetto politico dell'ultimo re longobardo. Atti del Primo convegno internazionale di studio (Brescia, 21-24 marzo 2013). Convegni 1*. Spoleto: Fondazione Centro Italiano di Studi sull’Alto Medioevo; Milão: Centro di Studi Longobardi, 2015, pp. 19-50.



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

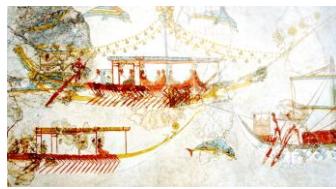
que é um sinônimo⁶⁰; são, portanto, vinte e nove menções a essa etnia. Além disso, podemos reconhecê-los também como os napolitanos de que falamos acima.

Assim como não tem uma boa visão sobre os muçulmanos, Erchemperto também não vê os bizantinos com bons olhos: num dos últimos capítulos da crônica, ao narrar um embate naval entre ambas as facções, o cronista os compara e estabelece entre eles uma equivalência direta:

Per idem tempus Graeci navaliter a Constantinopolim ad Regium tellurem adventantes, ex diverso et Hismaelitae ab Africa et Sicilia properantes, utriusque iuncxerunt se inter Messanam, urbem Siciliae, et Regium; et confligentes parumper mutuo, victi sunt Graeci, tantoque metu territi sunt reliqui Achivi qui remanserunt, ut tam viri quam foeminae et parvuli, relictis utriusque civitatibus cum omnibus, subsidium adepti sunt, nemine contrahens bella. Set ut talia permiserit divina aequitas illi belluinae gentis, econtra narrabo brevius. Achivi autem, ut habitudinis similes sunt, ita animo aequales sunt bestiis, vocabulo christiani, set moribus tristiores Agarenis. Hii videlicet et per se fidelium omnes predabant et Saracenis emebant, et ex his alias venales oceani litora farciebant, alias vera in famulos et famulas reservabant. Talia et his similia animadvertisens Deus, tradidit illos in opprobrium et in devorationem, ut pereant et recogitent et intelligent, quia in operibus suis diris Deum iaculati sunt.⁶¹

⁶⁰ Segundo nota editorial de Luigi Andrea Berto (ERCHEMPERTO, op. cit., cap. 5, p. 89). O substantivo deriva de “aqueus”, como os gregos eram chamados, por exemplo, na *Iliada* de Homero. Não ocorre, em nenhum momento, o uso de “romano” para se referir a bizantino.

⁶¹ “Naquele período [c. 887] os Gregos saíram de Constantinopla, com uma frota, e se dirigiram à zona de Reggio, onde também se encontravam os Ismaelitas, vindos de uma outra direção, da África e da Sicília. Ambos se encontraram, por pouco tempo, entre Messina, cidade da Sicília, e Reggio, onde os Gregos foram vencidos os Aquivos que restaram se apavoraram a tal ponto que tanto os homens quanto as mulheres e as crianças abandonaram as duas cidades com todos os seus bens e procuraram ajuda sem que ninguém começasse a combater. Narrarei brevemente o motivo pelo qual a justiça divina permitiu que tais coisas acontecessem àquele povo bestial: os Aquivos, com efeito, são similares às bestas, seja pelo hábito, seja pelo ânimo; são nominalmente cristãos, mas, pelo costume, são mais cruéis que os Agarenos. Eles rapinavam todos os fiéis [cristãos] e os compravam [como escravos] junto aos Sarracenos; vendiam, então, alguns – com os quais enchiam as costas do oceano [o Mediterrâneo] – e mantinham os demais como servos e servas. Vendo tais e quais coisas, Deus entregou os Gregos à ignomínia e à destruição, até que perecessem, refletissem e compreendessem que com as suas horríveis ações haviam golpeado Deus” (ibidem, cap. 81, p. 202). Berto nota que os *fideles* (cristãos) mencionados eram lombardos; eles eram escravizados por sarracenos e bizantinos.



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

Os bizantinos chegavam a ser, para o monge, mais pérfidos do que os sarracenos, porque roubavam e chegavam até a escravizar os próprios cristãos. Por outro lado, da mesma maneira que a crueldade dos muçulmanos não impedia que eles fossem recrutados, como mercenários, pelos lombardos, a impiedade dos gregos também não obstruía o recurso diplomático a eles, como se vê no trecho abaixo, que expõe eventos ocorridos alguns anos antes:

Hoc audientes qui Varim residebant, Gregorium, baiulum imperiale Grecorum, qui tunc in Odronto degebat, cum multis exercitibus asciverunt, et Varim introduxerunt ob Saracenorum metum; qui statim apprehensum gastaldeum illiusque primores Constantinopolim misit, ut quibus iureiurandum fidem dederat.⁶²

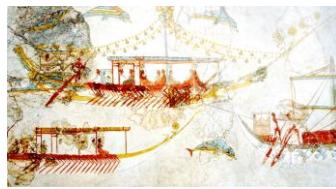
Com efeito, a despeito da má opinião de Erchemperto, o fato é que os gregos faziam parte do panorama político – militar e diplomático – da península. Todavia, eles eram considerados ali apenas mais uma das várias forças em cena, cuja atuação até podia, às vezes, ser ignorada, como na passagem a seguir:

Interea ipsi Graeci crebrius legatos cum scedis Benevento, Salerno et Capua dirigebant, ut ab his auxiliarentur contra Saracenos; set hi uno animo eorum spernebant flagitationes. Tunc Salernum, Neapolim, Gaietam et Amalfim pacem habentes cum Saracenis, navalibus Romam graviter angustiabant depopulatio.⁶³

Àquela altura, a utilidade dos gregos para as populações nativas da Lombardia Menor era somente circunstancial: eles serviam para combater os muçulmanos, mas, se porventura os lombardos conseguissem estancar a ameaça sarracena, anulavam a importância bizantina na região – sem esquecer que os bizantinos não apenas guerreavam contra os muçulmanos, eles também faziam trocas e comerciavam entre si, como no trecho anterior. A verdade é que, malgrado as opiniões de um cronista como

⁶² “Assim que os habitantes de Bari souberam [que o líder sarraceno Uthman chegava da África com enormes exércitos], temendo os Sarracenos, convocaram o bájulo imperial dos Gregos, Gregório – que residia, então, em Otranto – e o deixaram entrar na cidade. Este, conforme havia prometido aos habitantes de Bari, mediante juramento, prendeu o gastaldo [local] e seus maiores, enviando-os a Constantinopla” (*ibidem*, cap. 38, p. 152).

⁶³ “Naquele intervalo [do ano de 875], os Gregos enviaram embaixadores para levar mensagens a Benevento, Salerno e Cápua, pedindo-lhes ajuda contra os Sarracenos; porém, eles unanimemente desprezaram os apelos. Salerno, Nápoles, Gaeta e Amalfi haviam feito as pazes com os Sarracenos, cujos navios atormentavam duramente Roma e a despovoavam” (*ibidem*, cap. 39, p. 152).



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

Erchemperto, as associações e mesmo as inimizades construídas na península eram indiferentes a qualquer critério étnico ou religioso e flutuavam ao sabor das conveniências de cada liderança: se gregos e ismaelitas se engalfinhavam nas águas do Mediterrâneo, em terra nada impedia que eles fizessem as pazes para enfrentar alianças circunstanciais entre lombardos e francos, por exemplo.⁶⁴ Outra ocasião que demonstra de modo cabal essa dinâmica é o relato a seguir:

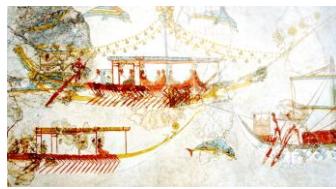
Huic igitur sociatus est Pandonulfus, cuius amminiculo fretus, acrius coepit persecui fratruelos suos; ac primo tempore labores eorum hinc et inde vastans abstulit, atque cum Neapolitibus, Caietanis ac Saracenis unitus, biduo super castrum Pilense irruens expugnavit; nichilque proficiens, inanis abscessit. Sequenti vero anno generaliter motionem faciens cum suis, Neapolitibus, et Saracenis, super colossum, quo filii Landonis degebant, insedit, prius tamen illos qui residebant in termis iuxta arenam pecuniata depositus et Capuam remisit [...].⁶⁵

Ou seja, os bizantinos – por meio dos napolitanos, mais especificamente – também não titubaram em se aliar aos sarracenos num momento de contenda contra os lombardos chefiados pelo príncipe capuano Landone. O próprio Atanásio, chefe bizantino supramencionado, em Nápoles⁶⁶, mudava as suas alianças frequentemente, como se vê a seguir:

⁶⁴ Há muito tempo os historiadores já haviam notado que um dos principais índices de reconhecimento interétnico na Alta Idade Média era a atuação militar: cf. GOFFART, Walter. “Los bárbaros en la Antigüedad Tardía y su instalación en el Occidente”. In: LITTLE, Lester K; ROSENWEIN, Barbara H. (eds.). *La Edad Media a debate*. Madrid: Akal, 2003, pp. 50-77.

⁶⁵ “[Em c. 881] Pandonolfo [de Cápuia] associou-se a Atanásio [de Nápoles] e, confiando na aliança entre eles, começou a perseguir mais duramente os seus primos: primeiramente, devastou as propriedades deles aqui e acolá; depois, unido aos Napolitanos, Gaetanos e Sarracenos, invadiu o castelo de Pilano, combatendo, ali, durante dois dias. Sem conseguir tirar proveito de nada, foi embora de mãos vazias. No ano seguinte ele se pôs em marcha novamente, junto aos seus e aos Napolitanos e Sarracenos, acampando no colosso, onde se encontravam os filhos de Landone” (ibidem, cap. 44, p. 160). Atanásio já havia, antes, utilizado a força sarracena para sufocar uma rebelião promovida por seu irmão, que terminou exilado: “Per idem tempus Athanasius praesul Neapolis militum magister praererat; qui, ut praemisimus, exulato fratre proprio cum Saracenis pacem iniens [...]” (ibidem). Para uma biografia de Pandonolfo, ver VISENTIN, Barbara. “[Pandonolfo I](#)”. In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 80 (2014).

⁶⁶ Uma biografia de Atanásio pode ser encontrada em BERTOLINI, Paolo. [Atanasio](#). Dizionario Biografico degli Italiani, v. 4 (1962).



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

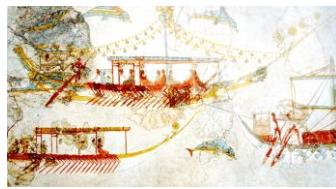
Hac tempestate Pandonolfi nimietatem non ferens Athanasius, relinquent eum, filiis Landonolfi et Landonis copulatus est in societatem. Hiis diebus idem presul missi apocrisariis Siciliam, Saracenis ad radicem montis Besubii residentibus Suchaymum regem exposcit illisque veniens praefecit. Set iusto Dei iudicio primo omnium super eum insurgens, coepit Neapolim graviter affligere et devorare omnia exterius, ac puellas, equos et arma vi expetere.⁶⁷

A Lombardia Menor era, afinal, conforme havíamos dito, um espaço aberto que, no período anterior à conquista normanda, experimentou uma convivência complexa (ora violenta, ora pacífica) entre gentes oriundas das mais diversas partes do Mediterrâneo, do norte, como os fracos, do leste, como os gregos, e do sul, como os muçulmanos. A península não era, definitivamente, um espaço exclusivamente lombardo.

Aliás, acerca da presença bizantina na Itália, destacamos também que, ao longo do século IX, ela sofreu uma mudança fundamental: com a revolta verificada sob o governo do supracitado Atanásio, o último dos grandes *magister militum* nomeados por Constantinopla para governar a cidade, os napolitanos conquistaram a autonomia do governo local e viram a sua capacidade de intervenção na península reduzida à cooptação das lideranças locais, como fizeram com Gaideris, um dos príncipes de Benevento que, capturado pelos rivais, os príncipes de Cápua, foi libertado pelos gregos, enviado à capital do Império no Oriente e depois transferido para a cidade de Oria, que passou a governar em honra do imperador:

Quo tempore suasus Gaideris, a Landone cognato suo alienatus, Pandonolfo sociatus est filiamque ipsius suo tradidit filio; set in proximo a contribulibus dicti Landonis captus ac custodiae mancipatus est, eiusque in loco Radelgis, filius Adelgisi, princeps est constitutus. Qui tribus vix annis imperans, a Beneventanis electus, et Aio, frater eius, loco illius subrogatus est. Gaideris vero Francis traditus in custodia, fuga lapsus pervenit urbem Bareensem, quo morabantur Graeci; a quibus missus est urbem ad regiam Basilio pio

⁶⁷ “Naquele período [881], não suportando o poder exagerado de Pandonolfo [de Cápua], Atanásio o abandonou e se aliou aos filhos de Landonolfo e de Landone. Posto que, naqueles dias, os Sarracenos residiam nas encostas do monte Vesúvio, Atanásio mandou embaixadores à Sicília e insistenteamente pediu o auxílio do rei Suhaym, que atendeu e foi se colocar à frente dos napolitanos. Porém, pela justa decisão de Deus, ele logo se rebelou contra o prelado e começou a atormentar Nápoles duramente, devorando tudo o que estava do lado de fora da cidade e exigindo, com violência, mulheres, cavalos e armas” (ibidem, cap. 49, p. 166).



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

augusto, a quo honoratus ditatusque donis imperialibus, Oream urbem accepit ad convivendum.⁶⁸

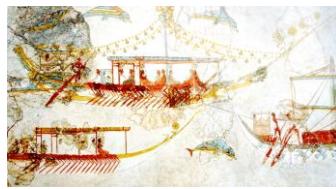
Por fim, terminemos com um relato de peculiar importância. Como havíamos informado, Erchemperto, na sua posição de monge de Montecassino (e tendo empenhado ofícios como o de embaixador junto à corte papal em Roma e o de bibliotecário e arquivista do mosteiro) foi, ele mesmo, um participante dos conflitos que ele narra.⁶⁹ Em certa altura, ele conta como foi sequestrado, no ano 884, pelos bizantinos, enquanto compunha uma comitiva enviada pelo mosteiro a Cápua:

A quo reversi dum Capuam repeteremus, a Graecis capti exutique sumus et exequitati; ablatisque equis et spoliis et ministris cunctis, homines argento redempti sunt; equos recollegimus. Ego autem solus cum praecoptore pedestre remansi; a Capuanis delati sumus in urbem, inde Neapolim pertranseuntes nichilque proficientes, infructuosi remeavimus Capuam. Dehinc tria plastra onerata victualis multisque opulentissimis iuxta Anglenam, quo prius capti sumus nos, apprehensa et depraedata sunt.⁷⁰

⁶⁸ “Naquele período [c. 881] Gaideris foi persuadido a fugir do seu cunhado Landone [de Cápua], aliou-se a Pandonolfo [outro nobre capuano] e deu a sua filha, como esposa, ao filho dele. Pouco depois, porém, ele foi capturado pelos seguidores de Landone e aprisionado; no seu lugar, o filho de Adelchi, Radelchi [II, 881-885], foi feito príncipe de Benevento, mas governou por apenas três anos, pois foi caçado pelos Beneventanos e substituído pelo seu irmão, Aione [885-891]. Gaideris, por sua vez, que ficou sob a custódia dos Francos, fugiu e foi para a cidade de Bari, onde residiam os Gregos; estes o enviaram ao pio augusto Basílio, na cidade régia [Constantinopla], e o imperador o honrou e o enriqueceu com seus presentes; Gaideris, então, aceitou a cidade de Oria, onde foi morar” (ibidem, cap. 48).

⁶⁹ Não só o cronista foi vitimado pelas movimentações bélicas no sul da península, como o próprio mosteiro de Montecassino foi diversas vezes saqueado e destruído: cf. RENNIE, Kriston R. *The Destruction and Recovery of Monte Cassino, 529–1964*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2021.

⁷⁰ “Enquanto retornávamos de lá [Montecassino] e nos dirigíamos a Cápua, fomos sequestrados pelos Gregos, roubados e privados dos cavalos. Nos foram tirados não apenas eles, mas também as vestes e todos os empregados; depois até conseguimos resgatar os homens por meio de prata e recuperamos seis [ou cinco] cavalos, mas eu permaneci a pé com o [nossa] preceptor. Fomos levados à cidade pelos Capuanos e de lá prosseguimos para Nápoles, mas isso não adiantou e voltamos para Cápua sem obter nada [de volta]. Então, três carros, carregados de víveres e de muitas riquezas, foram interceptados e destruídos perto de Anglena, onde havíamos estado antes de sermos capturados” (ibidem, cap. 61, p. 80).



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

O depoimento autobiográfico de Erchemperto resume bem a sua atitude face aos bizantinos: tal como os sarracenos, eles estavam ali para predar as riquezas e os homens locais. Não se podia confiar neles, na visão dos cassineses, nem esperar que socorressem os desvalidos, conquanto eles também representassem o Império Romano, tal como os francos. O cronista, em suma, não depositava esperanças em ninguém: não acreditava na redenção coletiva dos lombardos, não tinha expectativas quanto a intervenções redentoras dos distantes francos, temia os muçulmanos e, finalmente, desprezava os bizantinos.

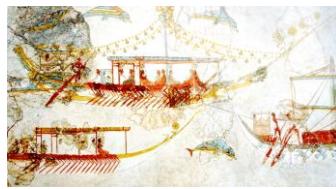
Conclusão: um mosteiro pan-mediterrâneo

Na introdução deste texto dissemos que os historiadores, por muito tempo, negligenciaram a história da Longobardia Minor. Tal ignorância é compreensível, pois essa história parece, até o século IX, um caos, uma batalha incessante pela estabilidade interna, pela construção de um fino, delicado e “inquieto equilíbrio”⁷¹ entre as partes tão distintas da península: as bizantinas, as lombardas e as muçulmanas. Contudo, posteriormente, com a chegada do domínio normando, essa estabilização se completa e a economia se desenvolve, ensejando o esplendor cultural que a historiografia há muito já conhece, o que justifica o retorno do interesse historiográfico, inclusive porque nesse novo período foram produzidos muitos mais testemunhos históricos que podem ser estudados.

Na escansão das crônicas cassinesas, percebemos duas coisas: primeiro, os monges de Montecassino, como Erchemperto, lastimavam a decadência lombarda e tinham a respeito dos francos uma opinião dúbia, ao passo que viam de modo muito negativo os bizantinos e, sobretudo, os muçulmanos. A sua atitude é compreensível se considerarmos o contexto histórico de uma região que havia se tornado, inesperadamente, *hub* de um encontro pan-mediterrâneo, a espacialidade onde se processaram transformações inauditas⁷²: ali os lombardos redescobriram os francos, que deixaram de ser vistos bárbaros selvagens para se tornarem “augustos”, os novos

⁷¹ KREUTZ, op. cit., p. xxvii.

⁷² A constituição da Lombardia Menor como um espaço de incessantes trocas culturais já havia sido destacada por GRANIER, Thomas. “[Les échanges culturels dans l'Italie méridionale du haut Moyen Âge: Naples, Bénévent et le Mont-Cassin aux VIIIe-XIIe siècles](#)”. In: *Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public*, 32º congrès, Dunkerque, 2001, pp. 89-105.



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

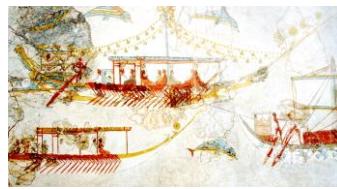
representantes do Império Romano que todos respeitavam; ao passo que descobriram também os bizantinos, que, por sua vez, deixaram de ser augustos para se tornarem bandoleiros de beira de estrada, como o próprio Erchemperto sentiu na pele.⁷³ Ao mesmo tempo, os lombardos descobriram uma gente completamente nova, os muçulmanos, que não só professavam uma religião diferente como falavam uma língua distinta e se moviam por outros valores, por outra ética. Todos esses encontros e reencontros só foram possíveis por um motivo: a mobilidade, o trânsito intenso que marcava o Mediterrâneo do século IX e que fez de Benevento e Montecassino um local de catálise política, social, econômica e cultural.⁷⁴

A segunda conclusão que podemos tirar de nossa análise versa sobre o quanto o mosteiro, um dos principais eixos da rede policêntrica, funcionou como “bancada de testes” do “laboratório gigante” que a Lombardia Menor foi para uma nova política mediterrânea, tipicamente medieval. A partir dessa constatação, podemos perguntar: quais eram os elementos dessa política, sobre os quais a observação das crônicas cassinesas pode oferecer indícios?

Enumeremos as possíveis respostas, que surgem da presente análise como hipóteses investigativas a seres experimentadas em futuros trabalhos: 1) notamos, com toda a tinta dramática que monges como Erchemperto, testemunhas oculares dos eventos históricos, puderam derramar sobre o pergaminho, o rápido, ainda que renitente, desaparecimento do poder lombardo na pequena porção do Mediterrâneo onde ele

⁷³ Para um parecer similar sobre esse quadro, ver KUJAWINSKI, Jacub. “[Le immagini dell’altro’ nella cronachistica del Mezzogiorno longobardo](#)”. In: *Rivista storica italiana*, 118, 3 (2006), pp. 767-815. A cultura material que as escavações arqueológicas desvelaram na parte sul da península (no Valle del Liri, por exemplo, nas escarpas dos Apeninos) corroboram essa conclusão: cf. LOUD, G. A. “The Liri Valley in the Middle Ages”. In: *Montecassino and Benevento in the Middle Ages: Essays in South Italian Church History*. London; New York: Routledge, 2016, pp. 1-58.

⁷⁴ Para uma avaliação do papel decisivo que a mobilidade tem no processo de outridade, isto é, de construção do outro (e reconstrução do eu), ver LOPES, Paulo Catarino. “Construções identitárias e exercícios de alteridade em contexto de mobilidade: problemáticas atemporais”. In: _____ (ed.). *Construindo o ‘Outro’ e o ‘Eu’: representações de identidade e alteridade em contexto de mobilidade na Idade Média*. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais (NOVA FCSH), 2024, pp. 9-13. A própria história dos lombardos era marcada, desde o princípio, por uma migração que começava na Escandinávia, segundo Paulo Diácono (c. 720-799): cf. ROTILI, Marcello. “I Longobardi: migrazioni, etnogenesi, insediamento”. In: ROMA, Giuseppe (ed.). *I Longobardi del Sud*. Roma: Giorgio Bretschneider, 2010, pp. 1-77.



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

havia se enraizado; 2) frisamos o processo de acomodação do poder franco e a mudança na sua estratégia de projeção sobre a orla do Mediterrâneo: eles progressivamente abdicaram das intervenções militares diretas – que só foram sistematicamente retomadas pelos normandos, na Sicília do século XI e, posteriormente, pelas cruzadas latinas à Terra Santa – e optaram por alianças que lhes permitiram influenciar a região indiretamente; 3) os muçulmanos, por sua vez, concretizaram uma presença que primeiro consistiu numa atividade mercenária iniciada na Hispânia do século VIII e, em seguida, deixou de passar pelo mero aluguel de suas armas e navios para os chefes locais para se assentar definitivamente em espaços que pertenciam a gentes bárbaras (visigodos, lombardos, francos) em claro retrocesso; 4) vemos se acentuar o recuo bizantino numa escala cada vez maior, um processo que, sabemos, também passou por uma mudança de estratégia geopolítica, pois os gregos paulatinamente abandonaram o domínio oficial sobre enclaves como Nápoles e trocaram a sua atuação pela pura pirataria, emprenhando-se mais em saques e razias do que em negociações diplomáticas.

Se a Lombardia Menor era um dos principais palcos do Mediterrâneo medieval, Montecassino era, com certeza, um de seus principais *scriptoria*, onde se registrava, *in loco*, as transformações pelas quais aquela espacialidade passava. Se queremos assistir à história do Mediterrâneo medieval ao vivo, as crônicas cassinesas são uma ótima lente de observação.

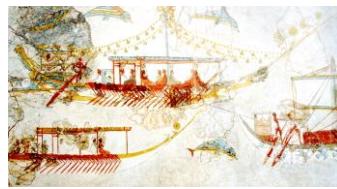
Fontes

ERCHEMPERTO. *Piccola storia dei Longobardi di Benevento*. A cura di Luigi Andrea Berto. Napoli: Liguori, 2013.

[SCRIPTORES Rerum Langobardicarum et Italicarum Saec. VI-IX. Monumenta Germaniae Historica.](#) Hannoverae: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1878.

Bibliografia

ANDENNA, Giancarlo. “Il concetto di Longobardo e di Lombardo in Italia meridionale tra IX e XII secolo: la complessità di una situazione territoriale”. In: HENTSCHEL, Frank; WINKELMÜLLER, Marie (eds.). “*Nationes*”, “*Gentes*” und die Musik im Mittelalter. Berlin; Boston: De Gruyter, 2014, pp. 187-202.



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

ARÓSTEGUI, Julio. “Método y técnicas en la investigación histórica”. In: *La investigación histórica: teoría y método*. Barcelona: Crítica, 2001, pp. 388-434.

BERTO, Luigi Andrea. [“Copiare” e “ricomporre”: alcune ipotesi su come si scriveva nell’Italia meridionale alto-medievale e sulla biblioteca di Montecassino nel IX secolo. Il caso della cronaca di Erchemperto”](#). In: *Mediaeval Sophia*, 17 (gennaio-dicembre 2015), pp. 83-111.

_____. “Il quadro storico”; “Il testo”; “Confronti e presenze”. In: _____ (ed.). *Piccola storia dei Longobardi di Benevento*. Nápoles: Liguori, 2013, pp. 1-38, 39-50, 51-68.

_____. “Introduzione storica e analisi del testo”. In: *CRONICAE Sancti Benedicti Casinensis*. Firenze: Galluzzo, 2006, pp. vii-xxvi.

BERTOLINI, Paolo. [Dauferio, detto il Profeta](#). In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 33 (1987).

_____. [Atanasio](#). In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 4 (1962).

BISANTI, Armando. “Potere, consenso e dissenso nell’Ystoriola Langobardorum Beneventum degentium di Erchemperto”. In: ALBERZONI, Maria Pia; SARDINA, Patrizia (eds.). *Potere, governo, opposizione politica e rivendicazioni socio-economiche nel Mediterraneo medievale*. Palermo: Officina di Studi Medievali (OSM), 2021.

CARDOSO, Ciro Flammarion. “O método científico em história”. In: *Uma introdução à história*. São Paulo: Brasiliense, 1992, pp. 50-80.

CHRISTIE, Neil. *The Lombards: The Ancient Longobards*. Oxford: Blackwell, 1998.

CICCO, Giuseppe Gianluca. [La Longobardia meridionale e le relazioni commerciali nell’area mediterranea: il caso di Salerno](#). In: *Reti Medievali* 10(1), 2009, pp. 59-87.

DELOGLU, Paolo. [“Ritorno ai longobardi”](#) In: ARCHETTI, Gabriele (org.). *Desiderio: Il progetto politico dell’ultimo re longobardo. Atti del Primo convegno internazionale di studio (Brescia, 21-24 marzo 2013)*. Convegni 1. Spoleto: Fondazione Centro Italiano di Studi sull’Alto Medioevo; Milão: Centro di Studi Longobardi, 2015, pp. 19-50.

DETIENNE, Marcel. “Construir comparáveis”. In: *Comparar o incomparável*. São Paulo: Ideias & Letras, 2004, pp. 45-68.

ESPAGNE, Michel. [A noção de transferência cultural](#). In: *Jangada*, n. 9, jan/jun, 2017, pp. 136-147.

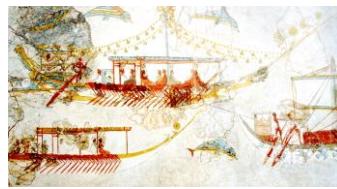
FABBRO, Eduardo. [Charlemagne and the Lombard Kingdom That Was: the Lombard Past in Post-Conquest Italian Historiography](#). In: *Journal of the Canadian Historical Association; Revue de la Société historique du Canada*, 25 (2), pp. 1-26.

GASPARRI, Stefano. [La storiografia italiana e i secoli bui: l’esempio dei Longobardi](#). In: *Dimensões*, v. 32, 2014, pp. 182-205.

_____. [Le basi economiche del potere pubblico in età longobarda](#). In: DÍAZ, Pablo C. & VISO, Iñaki Martín (eds.). *Taxation and Rent: Fiscal problems from Late Antiquity to Early Middle Ages*. Bari: Edipuglia, 2011, pp. 71-85.

_____. [The fall of the Lombard kingdom: facts, memory, and propaganda](#). In: *774: ipotesi su una transizione. Atti del seminario di Poggibonsi, 16-18 febbraio 2006*. Turnhout: Brepols, 2008, pp. 1-25.

_____. [Culture barbariche, modelli ecclesiastici, tradizione romana nell’Italia longobarda e franca](#). In: *Reti Medievali*, VI, 2005/2 (luglio-dicembre), pp. 1-56.



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

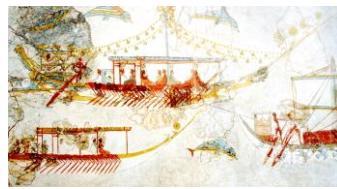
Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

- GEARY, Patrick. “Barbarians and ethnicity”. In: BOWERSOCK, G. W.; BROWN, Peter & GRABAR, Oleg (orgs.). *Interpreting Late Antiquity: Essays on the Postclassical World*. Cambridge, Massachusetts; Londres: The Belknap; Harvard University Press, 2001, pp. 107-129.
- GOFFART, Walter. “Los bárbaros en la Antigüedad Tardía y su instalación en el Occidente”. In: LITTLE, Lester K; ROSENWEIN, Barbara H. (eds.). *La Edad Media a debate*. Madrid: Akal, 2003, pp. 50-77.
- GRANIER, Thomas. “[Les échanges culturels dans l'Italie méridionale du haut Moyen Âge: Naples, Bénévent et le Mont-Cassin aux VIIIe-XIIe siècles](#)”. In: *Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public*, 32e congrès, Dunkerque, 2001, pp. 89-105.
- _____. “[Napolitains et Lombards aux VIIIe-XIe siècles. De la guerre des peuples à la “guerre des saints”](#) en Italie du Sud”. In: *Mélanges de l'École française de Rome*, Moyen-Age, tome 108, n. 2. 1996, pp. 403-450.
- INDELLI, Tommaso. “[Arechi II e i rapporti con il papato](#)”. In: ROTILI, Marcello (ed.). *Tra i Longobardi del Sud: Arechi II e il Ducato di Benevento*. Padova: [s. n.], 2017, pp. 451-474.
- KOCKA, Jürgen. “[Para além da comparação](#)”. In: *Esboços*, v. 21, n. 31, 2014, pp. 279-286.
- KOSELLECK, Reinhart. “[Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos](#)”. In: *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992, pp. 134-146.
- KUJAWINSKI, Jacub. “[Le immagini dell’altro’ nella cronachistica del Mezzogiorno longobardo](#)”. In: *Rivista storica italiana*, 118, 3 (2006), pp. 767-815.
- KREUTZ, Barbara M. *Before the Normans: southern Italy in the ninth and tenth centuries*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1996.
- LOPES, Paulo Catarino. “Construções identitárias e exercícios de alteridade em contexto de mobilidade: problemáticas atemporais”. In: _____ (ed.). *Construindo o ‘Outro’ e o ‘Eu’: representações de identidade e alteridade em contexto de mobilidade na Idade Média*. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais (NOVA FCSH), 2024, pp. 9-13.
- LORÉ, Vito. “[Sicone, principe di Benevento](#)”. In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 92 (2018a).
- _____. “[Sicardo, principe di Benevento](#)”. In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 92 (2018b).
- LORÉ, Vito. “[Radelchi I](#)”. *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 86 (2016).
- LOUD, G. A. “The Liri Valley in the Middle Ages”. In: *Montecassino and Benevento in the Middle Ages: Essays in South Italian Church History*. London; New York: Routledge, 2016, pp. 1-58.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. “[Métodos científicos](#)”. In: *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2017, pp. 39-86.
- NECKEL, Kauê Junior. “[Situações de Outridade](#)”. In: *Situações de Outridade: a participação do Outro na formação dos povos Ingleses (731-899)*. Dissertação de Mestrado em História apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2021, pp. 37-89.
- OLDONI, Massimo. “[Erchemperto](#)”. In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 43 (1993).
- PIO, Berardo. “[Sawdān](#)”. In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 91 (2018).
- POHL, Walter. “Introduction: Strategies of Identification: a Methodological Profile”. In: _____;
- HEYDEMANN, Gerda (eds.). *Strategies of Identification: Ethnicity and Religion in Early Medieval Europe*. Turnhout (Belgium): Brepols, 2013, pp. 1-64.



Antonio CORTIJO-OCAÑA; Vicent MARTINES (orgs.). *Mirabilia Journal 40* (2025/1)

Intercultural Mediterranean. From Antiquity to Baroque

Mediterrània intercultural. De l'Antiguitat al Barroc

Mediterráneo intercultural. De la Antigüedad al Barroco

Mediterrâneo intercultural. Da Antiguidade ao Barroco

Jan-Jun 2025

ISSN 1676-5818

POHL, Walter. "Telling the difference: signs of ethnic identity". In: NOBLE, Thomas F. X. (org.).

From roman provinces to medieval kingdoms. Londres; Nova Iorque: Routledge, 2006, pp. 99-138.

RENNIE, Kriston R. *The Destruction and Recovery of Monte Cassino, 529–1964*. Amsterdam: Amsterdam university Press, 2021.

ROTILI, Marcello. "I Longobardi: migrazioni, etnogenesi, insediamento". In: ROMA, Giuseppe (ed.).

I Longobardi del Sud. Roma: Giorgio Bretschneider, 2010, pp. 1-77.

VISENTIN, Barbara. "[Pandonolfo I](#)". In: *Dizionario Biografico degli Italiani*, v. 80 (2014).